

# A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA PÓS-MODERNIDADE: DESAFIOS PARA PARA A TEOLOGIA E SUAS LINGUAGENS PLURAIS

Marcos Anderson Tedesco<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo geral conhecer como a educação cristã está inserida no mundo pós-moderno e qual a sua relação com a proposta de uma teologia que percebe o plural. É proposta uma reflexão envolvendo o conceito de educação cristã, suas pretensões como área de estudo e prática, suas bases epistemológicas no que se refere à percepção de um mundo plural e como ela se relaciona com outras visões acerca da educação. Finalmente, são realizados alguns apontamentos acerca das possibilidades da educação cristã como contribuinte para uma teologia em um contexto plural. Alguns dos teóricos que dão suporte a esse estudo são Hall (2003), Rodrigues (2007), Freire (1996), Zabatiere (2008), e entre outros. Espera-se ainda que esse artigo contribua para as reflexões acerca da teologia e suas linguagens plurais em busca de possibilitar ao ser humano um sentimento de pertencimento e valorização às suas referências mais singulares sem perder de vista o fato de que ele também se insere em uma coletividade, porém, como sujeito ativo e não apenas um participante que assiste algo pronto e acabado.

**Palavras chave:** Pós-modernidade; pluralidade; educação cristã.

## ABSTRACT

The present article has as general objective to know how the Christian education is inserted in the postmodern world and which is its relation to the proposal of a theology that

---

<sup>1</sup> Mestre em educação pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Bacharel e Licenciado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), professor na Faculdade Refidim e Coordenador do Colégio Evangélico Pastor Manoel Germano de Miranda em Joinville.

perceives the plural. A reflection is proposed, involving the concept of Christian education, its pretensions in study and practice areas, its epistemological basis on the reference to the perception of a plural world and how it relates with other views on education. Finally, some notes are made on the possibilities of the Christian education as contributor for a theology in a plural context. Some of the theorists that support this study are Hall (2003), Rodrigues (2007), Freire (1996), Zabatiero (2008), among others. It's still awaited that this article contributes to the reflections about theology and its plural language searching to enable for the human being a feeling of belonging and appreciation of its most singular references without losing sight of the fact that it is also inserted in a collectivity, nevertheless as an active subject and not only as a participant that watches something done and over.

**Keywords:** Postmodernity; plurality; Christian education.

## **INTRODUÇÃO**

Em tempos de pós-modernidade, os plurais são cada vez mais percebidos. Mas, como esses plurais se justificam e de que forma a educação cristã deve se relacionar com essa nova concepção de sujeito e sociedade? Para que essa questão possa ser apreciada, é preciso fazer uma reflexão acerca desses dois conceitos, pós-modernidade e educação cristã. A partir daí, é possível traçar uma configuração onde a educação cristã pode na e a partir da pós-modernidade possibilitar uma atuação em um mundo onde a percepção do plural é cada vez mais constante e necessária.

### **1 A PÓS-MODERNIDADE**

Após a medievalidade, surge o homem moderno. No medievo, o indivíduo era aquele que tinha consciência de si mesmo e de seu espaço, ainda que este espaço fosse determinado pela visão da igreja frente às tensões impostas pelo clero que se agarrava ao poder. Já o homem da modernidade é aquele que emerge de um mundo onde há um deslocamento de uma visão teocêntrica para uma abordagem antropocêntrica. A razão

passa a alimentar o homem cartesiano que tem sua identidade firmada e centrada na consciência de si mesmo.

As cidades modernas deram a esse homem uma segurança a muito almejada, mesmo que essa “segurança” seja à sombra de uma ideia de civilização que se impunha mediante a diminuição de outras realidades. Era a apoteose da *Belle Époque*, um período entre os séculos XIX e XX onde a Europa passou a ser sinônimo de referência a todas as “outras” visões de mundo, claro que esse “ser” foi impulsionado e validado pela pólvora, pelo carvão e pelo açoite.

Foi na modernidade que o homem do século XIX se percebeu como indivíduo em uma segurança amparada às sombras do poder civilizatório. Segundo Pereira (2004), nesse ambiente ainda não havia espaço para uma fragmentação do indivíduo. Vejamos:

A bipolaridade do cartesianismo não podia indicar um descentramento. Pelo contrário, ela firmou mais ainda o lugar do homem moderno: um homem cuja identidade está centrada na consciência de si mesmo. Esse é o indivíduo soberano. Nesse sentido, o indivíduo se destaca da cidade. Ela existe com relação a ele. Habitar a cidade é permanecer, diferentemente do campo, em um lugar de segurança e prazer. A cidade, de alguma forma, firma as identidades. As pessoas se identificam também com os lugares onde vivem e onde criaram raízes.<sup>2</sup>

Assim, o indivíduo vive um momento de sensação de segurança em um contexto de apogeu civilizatório. Nesse ápice, as identidades são estáveis enquanto amparadas pela ideia de civilização europeia, porém, aos poucos essa realidade vai sendo alterada dando espaço a uma instabilidade. É a chegada da pós-modernidade que vai provocando uma tensão na questão das identidades. Para Stuart Hall (2003),<sup>3</sup> as antigas identidades que proveram

---

<sup>2</sup> PEREIRA, Helder Rodrigues. A crise da identidade na cultura pós-moderna. *Mental* [online]. 2004. vol.2, n.2, p. 93.

<sup>3</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

estabilidade ao mundo de então estavam em declínio e, com as novas identidades que estavam sendo constituídas, o indivíduo moderno passou a ser caracterizado por uma fragmentação do sujeito. Há um “descentramento do sujeito” onde os intensos fluxos nas questões culturais tem se fragmentado/pluralizado com elas e também a partir delas, e nesse bojo, o sujeito.

Com relação a essa nova configuração da questão da identidade na pós-modernidade, Hall afirma que:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.<sup>4</sup>

Sendo assim, a partir do momento em que o sujeito da pós-modernidade encontra um novo contexto e uma nova representação, outra identidade passa a ser concebida. Essa fase de identificação passa a ser fragmentada e múltipla no momento em que as pessoas começam a se identificar também com os lugares onde vivem, criam suas raízes e possuem suas referências. Mediante essa percepção, Hall afirma que nesse estado encontra-se a “figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal”.<sup>5</sup>

Com o advento do antropocentrismo na modernidade, o homem passou a ocupar um lugar até então impensado para ele. Os referenciais deixaram de estar amparados no âmbito da instituição religiosa e suas defesas passando a propor uma nova configuração na sociedade humana ocidental. O referencial maior é a ideia de civilização e o homem que nele se amparava sentia-se seguro. Já na pós-modernidade, surge um vazio e uma necessidade de buscar os referenciais de indivíduos e não mais de uma

---

<sup>4</sup> HALL, 2003, p. 21.

<sup>5</sup> HALL, 2003, p. 32.

coletividade. Raízes, origens, memórias são evocadas. É o descentramento do sujeito. Em uma metrópole anônima, é preciso um reencontro entre o sujeito e seus fragmentos/plurais mais essenciais.

Mediante esse panorama, fica o seguinte questionamento: Como esse sujeito com uma identidade fragmentada/pluralizada é contemplado pela teologia? E como a educação cristã pode vir a contribuir para essa contemplação?

### 3 A EDUCAÇÃO CRISTÃ

Antes de buscarmos uma reflexão acerca do papel da educação cristã, é preciso uma abordagem acerca do significado da educação e qual a contribuição dela numa pós-modernidade marcada pela fragmentação e pela pluralidade do ser humano.

Rodriguez afirma que a educação é indispensável para à humanidade na sua construção de ideais de paz, liberdade e justiça social diante das guerras, opressões e injustiças que fazem parte da história da civilização humana.<sup>6</sup> Assim, a educação é uma atividade necessária à existência e à manutenção de todas as sociedades.

Dessa forma, a educação promove uma intervenção direta na vida das pessoas levando-as a desenvolverem atividades que implicaram nas configurações do contexto em que elas se inserem. Para Franco:

A educação é uma prática social humana; é um processo histórico, inconcluso, que emerge da dialeticidade entre homem, mundo, história e circunstâncias [...], transforma-se pela ação dos homens e produz transformações nos que dela participam.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> RODRIGUES, Marilze Wischral. Identidade e competência da educação cristã. *VOX SCRIPTURAE*. Revista Teológica Brasileira. Vol. 15. N2. São Bento do Sul (SC): União o Cristã. 2007. p. 129.

<sup>7</sup> FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia como ciência da educação*. Campinas: Papirus. 2003. p. 73.

Podemos perceber que a educação é algo que está em um estado de dinamicidade, sempre inconcluso e se envolvendo com um contexto também sempre dinâmico. Através da educação o homem vai se percebendo enquanto alguém que possui um papel na história. Esse homem, ainda mais na pós-modernidade, tem a oportunidade de, envolto em um movimento dialético promovido pela educação, transformar e ser transformado a partir de sua ação como sujeito de si no mundo.

Nessa transformação, a educação evoca um olhar sobre o indivíduo e suas referências mais íntimas. São essas que vão alimentando a rede de conexões que a educação desperta. Se cada indivíduo é ímpar, novos pontos de conexão são necessários. É a fragmentação evidenciada pela pós-modernidade. Acerca disso, Libâneo afirma que:

Educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas – físicas, morais, intelectuais, estéticas – tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais.<sup>8</sup>

Então, podemos dizer que a educação é um ato permanente de desenvolvimento e transformação da personalidade levando o ser humano a ser mais articulado e efetivo no seu contexto de relações sociais. É esse sujeito que é agora visto como um ser cognitivo, crítico e transformador em potencial vivendo um novo momento. Nas palavras de Freire (1979), uma realidade que “implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem [...] feita com outros seres que também procuram ser mais”.<sup>9</sup>

E a educação cristã? O que ela tem haver com essa questão da pós-modernidade? Simplesmente, não há como desconecta-la desta nova configuração de sociedade. Em uma educação transformadora, essa transforma-

---

<sup>8</sup> LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 22.

<sup>9</sup> FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 27-28.

ção se dá a partir do sujeito e suas relações com o mundo em que vive. O indivíduo que é cristão tem em suas referências espirituais também uma lente que proporá significado ao seu mundo e também terá suas implicações.

Muitos teóricos nos trazem contribuições acerca do conceito de educação cristã. A partir dessas definições, é possível perceber como a educação cristã tem um papel central ao possibilitar a percepção de um mundo plural e suas linguagens plurais também na teologia.

Para Lebar a educação cristã “... atua na vida como um todo. Qualquer coisa aquém disso é menos que cristão. A vida cristã, a plenitude de vida, a vida em abundância abarca todos os aspectos da vida humana, tanto para o presente como para a eternidade”.<sup>10</sup> Também Rodrigues percebe uma educação cristã como algo que envolve todas as áreas do ser humano:

Pode-se definir a educação cristã como a educação vista a partir da e para a fé cristã. Ou seja, a ação que conduz o ser humano a um desenvolvimento mais igualitário, verdadeiro e eficaz na solução de conflitos, no recuo de realidades injustas e desumanas, e no alcance da qualidade de vida sustentável para todos e todas, através da intervenção deliberada e estruturada na maneira como as pessoas vivem, envolvendo a aquisição, a elaboração e a produção de conhecimentos, sensibilidades, valores, práticas e atitudes, com base nos fundamentos da fé cristã.<sup>11</sup>

É possível perceber que, tanto para Lebar quanto para Rodrigues, a educação cristã é vista como algo que se manifesta no ser humano de forma integral influenciando sua forma de se relacionar com o contexto em que ele está inserido e com os indivíduos que fazem parte desse mundo. Assim, a partir do momento em que ele se percebe e assume o cristianismo como opção de fé, há toda uma ressignificação de sua relação com o meio. Sobre esse processo, Pazmiño<sup>12</sup>,

---

<sup>10</sup> LEBAR, Louis. *Educação que é cristã*. Rio de Janeiro: CPAD. 2009. p. 19.

<sup>11</sup> RODRIGUES, 2007, p. 133.

<sup>12</sup> PAZMIÑO, Rober. *Temas fundamentais da educação cristã*. Cambuci (SP): Cultura Cristã. 2008.

afirma que a educação cristã é um processo que, baseado na Bíblia, tem como prioridade conduzir as pessoas de forma integral para um crescimento mediante a experimentação do propósito e plano de Deus em Cristo em todos os aspectos da vida do ser humano.

É na educação cristã que se encontra Deus em Jesus Cristo. Para Perez “a educação é cristã quando não somente fala de Deus, mas que também leva a encontrá-lo [...] em Jesus Cristo”.<sup>13</sup> Para Carvalho, é possível encontrar na base do currículo da educação cristã “o amor redentor e sustentador de Deus, transmitido através das relações pessoais”<sup>14</sup>, na vida em comunidade e nas relações entre os seres humanos. É uma educação para a liberdade pautada no princípio do amor e do serviço ao outro.

Finalmente a educação cristã precisa ser percebida como uma ação educadora a partir dos propósitos de Deus revelados em Cristo que tem uma amplitude que ecoa em todas as esferas do ser humano levando-o a, de forma integral, se constituir como sujeito de si em um mundo constituído por indivíduos plurais que se articulam entre si influenciando e sendo influenciados.

#### 4 A PLURALIDADE NA GÊNESE DO SER HUMANO

Para entender melhor o papel da educação cristã e sua relação com as linguagens plurais da teologia é necessário perceber que esta pluralidade se faz presente já na gênese do ser humano. Este homem precisa ser visto em suas particularidades como um indivíduo fragmentado e plural já em sua origem, ou seja, no seu âmbito familiar.

---

<sup>13</sup> PEREZ, Isidro. Teología de la educación. In: *PREISWERK*, Matthias. Un telar para la educación: avances y materiales. Curitiba: CELADEC, 1996. p. 95.

<sup>14</sup> CARVALHO, Antonio Vieira de. *Teologia da educação cristã*. São Paulo: Eclésia, 2000. p. 34.



Nas palavras de Bosi:

De onde vem, ao grupo familiar, tal força de coesão? Em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é tão fortemente destinado. Um homem pode mudar de país; se brasileiro, naturalizar-se finlandês; se leigo, pode tornar-se padre; se solteiro, tornar-se casado; se filho, tornar-se pai; se patrão, tornar-se criado. Mas o vínculo que o ata à sua família é irreversível; será sempre o filho da Antônia, o João do Pedro, o ‘meu Francisco’ para a mãe. Apesar dessa fixidez de destino nas relações de parentesco, não há lugar onde a personalidade tenha maior relevo. Se, como dizem, a comunidade diferencia o indivíduo, nenhuma comunidade consegue como a família valorizar tanto a diferença de pessoa a pessoa.<sup>15</sup>

O que é família? Gênese? A resposta a esta pergunta, embora pareça simples, vem carregada de sentidos e durante toda a trajetória de vida de um indivíduo estará presente. As histórias que se vivem em família marcam a constituição primeira do indivíduo e tudo o que posteriormente for tocado por ele será construído em função dessa experiência, e não desconectado dela. Ao longo da vida ele vai se deparando com desafios, mudanças, conhece e é influenciado por sistemas e instituições, mas sempre será alguém com uma gênese, com uma família.

A cultura familiar se apresenta, segundo Symanski<sup>16</sup>, repleta de valores, hábitos, formas de sentir e interpretar o mundo que definem as relações que influenciarão na constituição da subjetividade do indivíduo. E é nessa família que encontramos o ponto de partida para uma concepção de mundo que faça sentido em uma educação que priorize o indivíduo dos tempos atuais. Nas palavras de José Martí “a vida vivida, com suas contradições, é ponto de partida necessário, mas não ponto de chegada”.<sup>17</sup> Na

---

<sup>15</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

<sup>16</sup> SZYMANSKI, Heloisa. *Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional*. Revista de Estudos de Psicologia. vol.21, n.2. Campinas: PUC, 2004.

<sup>17</sup> STRECK, Danilo. *José Martí & a Educação*. São Paulo: Autêntica, 2008.

fala desse revolucionário podemos perceber uma verdade que é central na trajetória humana: sempre há algo a ser aprendido e ensinado.

O ponto de partida, muito mais complexo do que um simples início, se refere a uma grande variedade de saberes que são chamados de capital cultural. No cotidiano do ser humano, ensinar e aprender estão naturalmente inseridos em decorrência de um estado inconcluso. Em cada relação estabelecida com o outro, uma série de atitudes e decisões são tomadas com base em um capital cultural já existente, mas que não está lá ao acaso.

Para Bourdieu,<sup>18</sup> a família, a comunidade e a escola são também espaços sociais de constituição e ressignificação dessas histórias de vida e desses valores culturais. Então, é possível afirmar que todos esses espaços, e com maior relevância o espaço familiar, precisam ser levados em conta ao se pensar as configurações das relações sociais. Não há um ser humano ocidental, mas sim, um indivíduo com sua própria história, constituição, referências e forma de perceber o mundo. A partir desse pressuposto, uma teologia precisa também ser contemplada envolta nessa questão, uma teologia que pode ser percebida em suas linguagens plurais.

E é nessa dinâmica que a educação se justifica: ao possibilitar um movimento dialético entre os valores que são trazidos do ambiente familiar e aquilo que a cada dia é ensinado e aprendido na escola, o ser humano vai se percebendo como sujeito e não mais apenas como aquele que se adapta. E isso também nas questões ligadas à religiosidade.

## **5 A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM UM CONTEXTO DE PLURALIDADE**

Não só a teologia precisa ser percebida em sua pluralidade de linguagens, mas sim, todas as faces que formam o ser humano em sua relação

---

<sup>18</sup> BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *Les héritiers*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

com o outro e consigo mesmo. Há pouco tempo atrás o homem não era percebido como um ser com uma individualidade, mas sim como alguém pertencendo a uma generalização, desumanizado, coisificado. O cidadão da modernidade era aquele que estava agarrado à ditadura da *belle époque*, já a pós-modernidade impele o homem a um dilema, o de reencontrar-se, de sentir-se pertencido e de enxergar um contexto que faz sentido, e não apenas lhe é imposto.

Zabatiero faz uma crítica a essa desumanização e defende que é preciso uma educação cristã que esteja voltada para a humanização. Para tanto, é preciso dar voz aquele que hoje é fragmentado e plural, o sujeito. Mas, o que significa, de forma concreta e prática, educar para a humanização? Primeiramente, é educar para a prática da justiça e da santidade. Justiça significa, basicamente, agir para que o próximo se torne mais humano, mais semelhante a Cristo, enquanto viver em santidade significa viver para que eu mesmo me torne mais humano, semelhante a Cristo. Já em um segundo momento, educar para a humanização também é educar para a vida em uma sociedade isenta de discriminações e preconceitos, na qual Cristo é amado por todos e cada pessoa tem o direito de ser autêntica em sua justiça e santidade.<sup>19</sup>

Nessa sociedade onde a educação cristã possibilite uma percepção de pluralidade é possível compreender o ser humano como indivíduo, com suas origens, histórias, formação, concepção e visão de mundo, enfim, um ser plural, diverso e dinâmico. Essa ideia de ser humano que seja percebido enquanto plural é, em certa medida, uma busca que não deve ter nela um fim, mas sim um caráter de continuidade. Acerca desse caráter de continuidade do papel da educação, Freire (1996) destaca que:

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que

---

<sup>19</sup> ZABATIERO, Júlio. *Novos caminhos para a educação cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009.

dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.<sup>20</sup>

É quando a educação cristã percebe o ser humano enquanto sujeito de uma história que se constitui também no tempo presente, que é possível perceber uma linguagem que privilegie o plural também na teologia. Uma teologia pronta passa a dar espaço a uma abordagem que perceba o ser humano como alguém que precisa se encontrar enquanto indivíduo, e não apenas enquanto coletividade. A visão conclusa e unilateral passa a dialogar e perceber o diferente, o contextualizado e dinâmico.

Faz-se necessário enfatizar que para que haja uma percepção do indivíduo não há uma determinação de uma relação de isolamento social. Para Moltmann, a vida humana é uma vida compartilhada, comunicada e comunicante, com comunhão na comunicação.<sup>21</sup> É preciso cuidar com a ameaça do isolamento social provocado justamente pelo crescente individualismo do homem pós-moderno.

É preciso estar atento para que esse isolamento social não determine uma relação de intolerância e não aceitação do outro. O papel da educação cristã deve ser justamente na direção inversa, o de promover uma ampliação de horizontes e assimilação do conceito de liberdade em relação aos outros indivíduos. Para Zabatiero:

Liberdade não é apenas voltada para as coisas como elas são, como na dominação. Nem é direcionada apenas à comunidade de pessoas como elas são, como na solidariedade. Ela se

---

<sup>20</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p.165.

<sup>21</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *God for a secular society: the public relevance of theology*. Minneapolis: Fortress Press, 1999. p. 153.

direciona para o futuro, pois o futuro é o campo desconhecido das possibilidades, enquanto o presente e o passado representam esferas familiares de realidades.<sup>22</sup>

Por fim, a educação cristã deve promover a liberdade com vistas a um futuro onde as possibilidades se abrem a uma reflexão significativa acerca do que Cristo tem a representar na vida de cada indivíduo levando em conta as suas referências pessoais, suas origens e sua essência. Finalmente esse indivíduo, com todas as suas especificidades, fragmentado e plural, agora inspirado por Cristo poderá em suas relações com os seus semelhantes exercer o seu papel na sociedade de forma íntegra em justiça e santidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir destas considerações, há uma proposta de reflexão acerca de como a educação cristã pode vir a contribuir para dar voz às linguagens plurais nas mais diversas esferas, entre elas a da teologia, permitindo aos sujeitos um sentimento de pertencimento a partir de suas origens e não apenas em função do que é trazido de fora, pronto e acabado.

Finalmente, entende-se a educação cristã como contribuinte para uma teologia que perceba as linguagens plurais, já que em um mundo pós-moderno se percebe de forma muito intensa o ser humano plural, com suas diversidades latentes e evidentes.

---

<sup>22</sup> ZABATIERO, 2009, p. 7.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. C. *Les héritiers*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.
- CARVALHO, Antonio Vieira de. *Teologia da educação cristã*. São Paulo: Eclésia, 2000.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia como ciência da educação*. Campinas: Papirus. 2003.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LEBAR, Louis. *Educação que é cristã*. Rio de Janeiro: CPAD. 2009.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MOLTMANN, Jürgen. *God for a secular society: the public relevance of theology*. Minneapolis: Fortress Press, 1999.
- PAZMIÑO, Rober. *Temas fundamentais da educação cristã*. Cambuci (SP): Cultura Cristã. 2008.
- PEREIRA, Helder Rodrigues. A crise da identidade na cultura pós-moderna. *Mental* [online]. 2004, vol.2, n.2.
- PEREZ, Isidro. Teología de la educación. In: *PREISWERK*, Matthias. Un telar para la educación: avances y materiales. Curitiba: CELADEC, 1996.
- RODRIGUES, Marilze Wischral. Identidade e competência da educação cristã. *VOX SCRIPTURAE*. Revista Teológica Brasileira. Vol. 15. N2. São Bento do Sul (SC): União Cristã. 2007.
- STRECK, Danilo. *José Martí & a Educação*. São Paulo: Autêntica, 2008.
- SZYMANSKI, Heloisa. Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. *Revista de Estudos de Psicologia*. v. 21, n.2. Campinas: PUC, 2004.
- ZABATIERO, Júlio. *Novos caminhos para a educação cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009.